



Era uma vez Ninguém
e ninguém mais.

Ninguém estava sozinho.

Ninguém não estava só sozinho.
Ninguém também não tinha
com o que brincar,
e nenhum lugar
para ir.

Uma maravilhosa história de amor
sobre o começo de tudo.



hedra
educação

101

Bart Mertens Benjamin Leroy

Ninguém e eu

Ninguém e eu

Tradução • Jorge Sallum

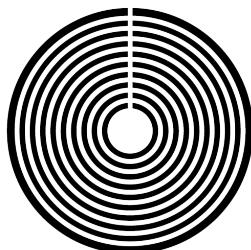
hedra
educação

Viagem ao reino encantado do cordel

Klévisson Viana

Sumário

1	Carta ao professor	1
2	Sobre o livro	2
3	Sobre o autor	2
4	Sobre o gênero	5
5	Atividades	9
5.1	Pré-leitura	9
5.1.1	Atividade 1	9
5.2	Leitura	12
5.2.1	Atividade 1	12
5.2.2	Atividade 2	15
5.3	Pós-leitura	15
6	Sugestões de referências complementares	15
7	Bibliografia comentada	16
7.1	Livros	16



OBRAS

XXX-XX-XXXXXX-XX-X (ESTUDANTE)
XXX-XX-XXXXXX-XX-X (PROFESSOR)

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Jorge Sallum
Suzana Salama
Felipe Musetti

EDIÇÃO

Paulo Henrique Pompermaier
Renier Silva

ASSISTÊNCIA EDITORIAL

Ana Lancman
Nathalia Tomaz

DIAGRAMAÇÃO E REVISÃO

EdLab Press

LICENÇAS

CC-BY-NC 3.0 BR

AYLLON EDITORA LTDA.

R. Fradique Coutinho, 1139 (2º Andar, Sala 1)
05416-011 São Paulo SP brasil
Telefone/Fax +55 11 3097 8304
ayllon@hedra.com.br
ayllon.com.br

1 Carta ao professor

Caro professor,

Este material tem a intenção de contribuir para que você consiga desenvolver um trabalho aprofundado com a obra *História de Aladim e a lâmpada mágica* em sala de aula. Você encontrará informações sobre o autor, sobre o gênero e também algumas propostas de trabalho para a sala de aula que você poderá explorar livremente, da forma que considerar mais apropriada para os seus estudantes.

SOBRE o AUtOR

SOBRE A OBRA



Ao longo do manual, todos esses aspectos serão explorados e relacionados a sugestões de atividades. Com isso, objetiva-se oferecer algumas ideias e inspirações para um trabalho que pode ser desenvolvido tanto a curto, quanto a médio e longo prazo. Sinta-se à vontade para personalizar a aula e torná-la sua, aplicando seus conhecimentos, sua personalidade e aproveite para fortalecer seu vínculo com a turma. Boa aula!

2 Sobre o livro

3 Sobre o autor

O autor Klévisson Viana nasceu em 3 de novembro de 1972 no interior do Ceará, na cidade de Quixeramobim. Além de escrever poesia em cordel, ele desenha, diagrama, imprime e comercializa suas obras, tendo um papel ativo na publicação e divulgação da obra de diversos cordelistas. Em 1980, aos oito anos, Klévisson mudou-se com a família para Canindé, tendo estudado apenas até o primeiro ano do segundo grau.

Canindé, a essa época, era uma espécie de centros da devoção popular da fé católica, congregando crentes, artistas sacros e vendedores de imagens católicas não apenas do Ceará, mas do Nordeste inteiro. De família camponesa humilde, Klévisson ingressou nesse grande mercado de Canindé aos nove anos, vendendo bombons, artigos religiosos e velas nas datas e ocasiões especiais, como no Dia dos Finados. Ali se tornou amigo dos diversos cordelistas que vinham a Canindé vender suas obras para os romeiros.

Apesar disso, sua relação com a arte e a literatura de cordel já vinha de sua família, como nos relembra José Nêumanne:

Sua avó paterna era uma pessoa esclarecida, dada a leituras, e havia inoculado no pai dele um gosto especial pelos romances de aventura, humor, conhecimento e fé, contidos nos folhetos comprados em feiras. A família era possuidora de um acervo razoável desses folhetos, que o pai costumava ler para os filhos quando voltava do trabalho duro – de sol a sol, como se diz por lá – de semear e colher no semiárido.¹

¹“Introdução”. Em: *Biblioteca de Cordel: Klévisson Viana*. São Paulo: Hedra, 2007, p. 11.



Aos 14 anos, Klévisson ingressou de vez no universo da arte, fazendo ilustrações para os jornais de bairro de Canindé. Nessa mesma época, promovia salões de humor e eventos culturais na cidade. Na década de 1990, mudou-se para a capital, Fortaleza, onde passou a integrar diversos eventos e manifestações de artistas e humoristas cearenses.

Continuou, ainda assim, a colaborar na imprensa. Entre 1990 e 1995, foi ilustrador do jornal *O povo*. Junto ao jornalista Tarcísio matos, foi editor da página *Muro baixo*, na qual publicava charges, cartuns, caricaturas e piadas. Outro jornal de Fortaleza, a *Tribuna do Ceará*, também recebeu diversas colaborações textuais e desenhos seus.

Do formato clássico do cordel, logo passou a experimentar outras formas artísticas. Através da influência do irmão, Arievaldo Viana, descobriu seu talento como quadrinista, que o levaria a ganhar o prêmio nacional HQ Mix, o mais importante do país no que se refere às histórias em quadrinhos, em 1998. Na ocasião, foi premiado por sua obra *Lampião... Era o cavalo do tempo atrás da besta da vida*, que reconta a vida e aventura do famoso cangaceiro em formato de quadrinho.

A primeira edição da obra foi publicada por uma então desconhecida gráfica e editora cearense, a Tupynanquim Aldeia, Mídia & Tal, fundada por Klévisson e alguns amigos. Através da Tupynanquim, o artista passou a editar e publicar seus próprios folhetos de cordel, além de publicar e divulgar a obra de outros cordelistas. Desde sua fundação, em 1995, sua editora publicou mais de cinquenta poetas do Brasil inteiro.

A obra de Klévisson Viana Multiartista, agitador cultural, editor, Klévisson Viana também imprimiu essa heterogeneidade à sua produção poética. Em suas pesquisas na memória sertaneja do cangaço, o artista se aprofundou nas tradições da poesia popular unindo-as a experimentações em diferentes gêneros artísticos. Tendo em vista a diversidade de sua produção, o pesquisador José Nêumanne propõe uma divisão de sua obra em alguns eixos temáticos:

O REPÓRTER: Na tradição do cordel, muito verso é criado de improviso em cima de acontecimentos da realidade. Nos rincões do país, com a difícil circulação de jornais, a falta de acesso ao rádio e à televisão, os sertanejos tinham o costume de se informar sobre os fatos cotidianos através dos cordéis e romances adquiridos nas



feiras semanais de sua cidade. No caso de Klévisson, sua produção cordelística não ignorou essa típica matriz de produção poética. Assim, entre seus diversos títulos, pode-se relembrar um cordel sobre a guerra entre os Estados Unidos e o Iraque; sobre a notícia de julgamentos vendidos a R\$ 1,00; sobre os atentados terroristas que demoliram as Torres Gêmeas em Nova York e parte do Pentágono, em Washington, em 11 de setembro de 2001; sobre a morte de Celso Daniel, prefeito de Santo André e coordenador do programa de governo da campanha de Lula (PT) à Presidência da República; além da própria vitória eleitoral de Lula em novembro de 2002, também tematizado em sua obra.

O ROMANCISTA: Da mesma forma que não chegavam jornais ao interior nordestino, também eram escassos os livros, com exceção das igrejas e casas paroquiais. Nesse cenário, abundavam os cordéis fantásticos, que abordavam narrativas clássicas, temas mitológicos e medievais, típicos dos romances. Klévisson, como anota José Néumanne, não ficou de fora dessa produção também:

O jovem cearense mostra-se um fabulador à altura de clássicos como *O pavão mysteriozo* ou *O país de São Saruê*, no recriar as viagens de aventuras de Hércules e outros heróis mitológicos, a partir de padrões fixados na literatura medieval europeia e reproduzida nos folhetos de cordel de antigamente. Merecem ser destacados dois títulos: *O boi dos chifres de ouro* ou *O vaqueiro das três virtudes* e *O príncipe do Oriente e o pássaro misterioso*.²

O QUENGO: Na definição sertaneja, “quengo” refere-se aos nordestinos que conseguem fugir da desgraça com ginja, malemolência e graça. Talvez sua figura mais conhecida seja João Grilo, eternizado pela peça de Ariano Suassuna, *O auto da Comadecida*, e o posterior filme homônimo. Em Klévisson, podem-se encontrar a clássica figura do quengo em cordéis como *Viagem ao país de São Cornélio* e *O rapaz que namorou com a velha dos papangus pensando que era a Carla Perez*.

O HISTORIADOR: Klévisson também abordou muito a história e a biografia em suas obras. Além do HQ já mencionado sobre Lampião, com a típica temática do cangaço, o autor também versou sobre personalidades de outras artes, como o cinema, no caso do cordel *Charlie Chaplin, o Carlitos: do Big Bem à Coluna da Hora*.

² *Ibidem*, p. 21.



O INVENTOR DE EPISÓDIOS: Outra característica da literatura de cordel é a reprodução de desafios de repentistas. Talvez o cordel que siga essa temática que mais obteve sucesso foi o folheto versando sobre a peleja entre o Cego Aderaldo e Zé Pretinho. Klévisson também frequenta o gênero, com cordéis como *A insustentável peleja de Zé Maria de Fortaleza com Calixtão de Guerra*, *A grande peleja virtual de Klévisson Viana com Rouxinol do Rinaré* e *A grande peleja de Beneval com José Mota Pinheiro*.

O ADAPTADOR: Por fim vale lembrar o frequente hábito entre os cordelistas de adaptar históricas clássicas de romances, de lendas medievais europeias ou da Grécia Antiga, e inclusive dos próprios colegas cordelistas. Entre sua vasta obra, podemos citar a adaptação que Klévisson fez de Homero, em *Helena de Troia e o cavalo misterioso*, de histórias da carochinha com *A história de João e o pé de feijão* e do cordelista Zé Pacheco, escrevendo uma espécie de continuidade para seu clássico *A festa dos cachorros com O divórcio da cachorra*.

A autora Arlene Holanda nasceu em Limoeiro do Norte, no Ceará. Conviveu durante sua infância com o universo mágico do cordel. Entre suas histórias preferidas, estão a do Pavão e de Juvenal. A curiosidade e o gosto por histórias me fizeram-na escolher o curso de História. Especializou-se também em Artes Visuais. Escreve em variados gêneros e estilos literários. Tem cerca de 50 livros publicados, entre literatura (adulto, infantil e juvenil), didáticos e obras complementares.

O ilustrador Maércio Siqueira nasceu em Santana do Cariri, Ceará, em 21 de novembro de 1977. Mora em Crato, Ceará, desde os cinco anos. No Curso de Letras, em 1999, conheceu o maravilhoso mundo da literatura de cordel, e passou a escrever alguns folhetos, vindo a ser membro da Academia dos Cordelistas do Crato. Nessa mesma época aprendeu a fazer xilogravura, uma importante arte plástica nordestina e universal. Teve a oportunidade, com seu trabalho plástico, de ilustrar muitas capas de cordel e vários livros.

4 Sobre o gênero

O gênero O gênero deste livro é *poesia de cordel*.



Para uma primeira definição de poesia enquanto gênero literário, poder-se-ia recorrer à definição do professor Domingos Paschoal Cegalla, para quem “poesia é a linguagem subjetiva, carregada de emoção e sentimento, com ritmo melódico constante, bela e indefinível como o mundo interior do poeta visa a um efeito estético”.³

Aprofundando um pouco essa definição, o crítico Antonio Cândido expande a definição de poesia ao diferenciá-la do verso. Para o crítico, a poesia enquanto ato criador do artista independe da forma métrica do verso, que passa a ser apenas um dos registros possíveis do poético:

A poesia não se confunde necessariamente com o verso, muito menos com o verso metrificado. Pode haver poesia em prosa e poesia em verso livre. [...] Pode ser feita em verso muita coisa que não é poesia.⁴

Delineada, de forma breve e geral, a forma poética, pode-se pensar agora em seus três gêneros básicos: lírico, épico e dramático. Para o crítico Anatol Rosenfeld, a lírica é o gênero mais subjetivo, no qual uma voz central exprime um estado de alma traduzido em orações poéticas. Seria a expressão de emoções e experiências vividas, “a plasmação imediata das vivências intensas de um Eu no encontro com o mundo, sem que se interponham eventos distendidos no tempo (como na Épica e na Dramática)”.⁵

Devido a essa característica central da lírica, a expressão de um estado emocional, Rosenfeld considera que o eu-lírico, nesse gênero, não se delineia enquanto um personagem. Embora possa evocar personagens e narrar acontecimentos, a lírica entendida enquanto gênero puro afasta-se sobremaneira da apreensão objetiva do mundo, que não existe independente da subjetividade intensa que o apreende e exprime. Assim, na lírica prevalece a fusão entre o sujeito e o objeto, que serve mais a realçar os estados profundos de alma do poeta. Sobre os aspectos formais do gênero, Rosenfeld nota:

³CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008, p. 640

⁴CANDIDO, Antonio. *O estudo analítico do poema*. São Paulo: Terceira leitura, 1993, p. 13–14.

⁵ROSENFELD, Anatol. *O teatro épico*. São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 22.



À intensidade expressiva, à concentração e ao caráter “imediato” do poema lírico, associa-se, como traço estilístico importante, o uso do ritmo e da musicalidade das palavras e dos versos. De tal modo se realça o valor da aura conotativa do verbo que este muitas vezes chega a ter uma função mais sonora que lógico-denotativa. A isso se liga a preponderância da voz do presente que indica a ausência de distância, geralmente associada ao pretérito. Este caráter do imediato, que se manifesta na voz do presente, não é, porém, o de uma atualidade que se processa e distende através do tempo (como na Dramática) mas de um momento “eterno”.⁶

No caso específico da poesia de cordel, dizem os especialistas, é uma poesia escrita para ser lida, enquanto o repente ou o desafio é a poesia feita oralmente, que mais tarde pode ser registrada por escrito. Essa divisão é muito esquemática. Por exemplo, o cordel, mesmo sendo escrito e impresso para ser lido, costumava ser lido em voz alta e desfrutado por outros ouvintes além do leitor. A poesia popular, praticada principalmente no Nordeste do Brasil, tem muita influência da linguagem oral, aproveita muito da língua coloquial praticada nas ruas e na comunicação cotidiana.

Naturalmente, portanto, pode-se considerar a poesia narrativa do cordel uma forma de poesia mais compartilhada e desfrutada coletivamente, o que dá também uma grande ressonância social. Muitos dos temas do cordel são originários das tradições populares e eruditas da Europa medieval e moderna. Outros temas são retirados de tradições orientais, das novelas de cavalaria medievais e das narrativas bíblicas. Ao lado destes temas mais literários, encontram-se os temas locais, quase sempre narrados na forma de crônicas de coisas realmente acontecidas.

Os grandes poemas de cordel são perfeitamente metrificados e rimados. A métrica e a rima são recursos que favorecem a memorização e tradicionalmente se costuma dizer que são resquícios de uma cultura oral, na qual toda a tradição e sabedoria são sabidas de cor.

O sertão geográfico e cultural O sertão tem mitos culturais próprios. Contemporaneamente, o sertão evoca principalmente o sofrimento resignado daqueles que padecem a falta de chuva e de boas

⁶Ibidem, p. 23.



safras na lavoura. Evoca a experiência histórica de uma região empobrecida, embora tenha sido geradora de riquezas, como o cacau e cana de açúcar, ambos bens muito valiosos.

O sertão formou também o seu imaginário por meio de grandes personalidades e uma pujante expressão artística. Além do cordel, o sertão viu nascer ritmos tão importantes quanto o forró e o baião. Produziu artistas tão expressivos quanto Luiz Gonzaga, grande cantor da vida do sertanejo em canções como “Asa branca”. Um escultor como Mestre Vitalino criou toda uma tradição de representação da vida e dos hábitos sertanejos em miniaturas de barro. A gravura popular, que sempre acompanha os folhetos de cordel, também floresceu em diversos pontos e ficou mais famosa em Juazeiro do Norte, no Ceará, e em Caruaru, no estado de Pernambuco.

Dentre os grandes mitos do sertão, está certamente o do cangaço com seu líder histórico, mas também mítico, Virgulino Ferreira, o Lampião. Até hoje as opiniões se dividem: para alguns foi um grande homem, para outros um bandido impiedoso.

Uma figura muito presente na cultura nordestina é o Padre Cícero Romão, considerado beato pela Igreja Católica. Consta que teria feito milagres e dedicado sua vida aos pobres.

Variação linguística A linguística moderna usa o termo “idioleto” para marcar grupos distintos no interior de uma língua. Um idioleto pode ser a fala peculiar de uma região, de um grupo étnico ou de uma dada profissão.

Uma das grandes forças da poesia popular do Nordeste se origina em sua forma muito própria de falar, com um ritmo muito diferente dos falares do sul, e também muito diferentes entre si, pois percebe-se a diferença entre os falares de um baiano, um cearense e um pernambucano, por exemplo.

Além desse aspecto rítmico, quase sempre também há palavras peculiares a certas regiões.



5 Atividades

5.1 Pré-leitura

5.1.1 Atividade 1

BNCC | 1

Arte

EF15AR03

Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.

BNCC | 2

Língua Portuguesa

EF15LP15

Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.

Tema A literatura de cordel e suas características estéticas e culturais.

Conteúdo Introduzir a literatura de cordel aos estudantes, apresentando diferentes títulos e incentivando que busquem características semelhantes que permitam caracterizar determinadas obras como literatura de cordel.

Objetivo Fornecer aos estudantes subsídios para pensar as distintas matrizes artísticas que compõem a cultura brasileira, com enfoque nas características e peculiaridades da literatura de cordel.

Justificativa A literatura de cordel é um patrimônio da cultura brasileira. Publicada no formato de folheto, geralmente traz para o universo escrito casos e histórias já comuns na tradição oral popular. Entre suas características típicas estão a construção do texto por meio de rimas e a utilização de gravuras, normalmente impressas por meio da xilogravura, que caracterizam as obras com seu traçado muito próprio. Conhecer a literatura de cordel, portanto, não é apenas entrar em contato com uma importante matriz cultural do Nordeste, mas com uma das mais importantes e características correntes artísticas que constituem o Brasil.



Metodologia O cordel *Viagem ao reino encantado do cordel*, de Klévisson Viana, é, como já indica o título, uma grande homenagem ao universo fantástico da literatura de cordel. Desde o início do poema, as crianças que protagonizam a narrativa estão em contato com as histórias de córdeis, tanto pelas narrativas orais de sua avó Alzira como pelo manuseio e leitura de antigos cordéis da avó.

Grandes clássicos da literatura de cordel são citados logo ao início do livro:

- *O romance do pavão misterioso*, de José Camelo de Melo Rezende;
- *História de Juvenal e o dragão*, de Leandro Gomes de Barros;
- *História da Donzela Teodora*, de Leandro Gomes de Barros;
- *Proezas de João Grilo*, de João Martins de Athayde;
- *O Bicho Manjaléu*, compilado por Silvio Romero;
- *História de Lampião*, versada por diversos cordelistas.

E por aí vai. Todos esses cordéis podem ser lidos online.⁷ O professor, então, pode recortar alguns trechos desses poemas, como as três primeiras estrofes dos poemas que achar interessante, e levar para mostar e ler com os alunos em sala. A partir dessa exposição, o professor pode explorar o formato do folheto de cordel e suas principais características, familiarizando os alunos no universo do cordel no qual estão entrando. Para uma primeira abordagem, podem-se levantar questões que instiguem os alunos a pensar nas peculiaridades do cordel. Algumas perguntas para orientar essa primeira atividade poderiam ser:

- Alguém já viu ou ouviu falar sobre a literatura de cordel?
- Se sim, quais características conseguem observar?
- Se não, o que vem à cabeça ao pensar em “cordel”?

⁷ *O romance do pavão*: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jn000008.pdf>(21/11/2021)

Juvenal e o dragão: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jn000014.pdf>(21/11/2021)

Donzela Teodora: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jn000012.pdf>(21/11/2021)

João Grilo: <https://armazemdetexto.blogspot.com/2018/11/poesia-as-proezas-de-joao-grilo-joao.html>(21/11/2021)

Lampião: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/rd000001.pdf>(21/11/2021).



- De qual região do país imaginam que vem a literatura de cordel?
- Qual das histórias vocês mais gostaram?
- Conseguem perceber semelhanças? E diferenças?

A partir dos excertos dos cordéis expostos anteriormente, o professor pode reforçar as semelhanças entre as histórias apresentadas: chamar a atenção para o uso de rimas e sua relação com o processo de memorização; o tipo de linguagem empregada, próxima à linguagem oral; o uso de xilogravuras, que ilustram as capas, e a forma de talhar o desenho na matriz de madeira; a divisão dos versos em estrofes; o papel que os cordelistas desempenham na cultura nordestina; a ocorrência de temas e personagens medievais, como a princesa, o dragão, o pavão das histórias orientais; o uso de personagens comuns às lendas do nordeste, como Lampião e João Grilo etc.

Após essa exposição introdutória, converse com os alunos sobre as informações novas que aprenderam e levante um debate em torno de alguns pontos centrais, tais como:

- Identificar o folheto de cordel e suas características;
- Diferenciar um folheto de cordel e um livro;
- Aproximar o poema do folheto e a fala;
- Identificar quais são as histórias típicas do folheto de cordel;
- Perceber as características regionais do folheto de cordel.

Posteriormente, o professor pode coletar essas informações junto aos alunos e abordá-las durante as aulas sobre o livro. Assim, relaciona-se o cordel de Klévisson Viana trabalhado em sala com as características estruturais que fazem de seu poema um cordel, apesar de apresentar um formato diferente do cordel tradicional.

Tempo estimado Duas aulas de 50 minutos.



5.2 Leitura

5.2.1 Atividade 1

BNCC**3****Geografia****EF04GE04**

Reconhecer especificidades e analisar a interdependência do campo e da cidade, considerando fluxos econômicos, de informações, de ideias e de pessoas.

BNCC**4****Geografia****EF05GE03**

Identificar as formas e funções das cidades e analisar as mudanças sociais, econômicas e ambientais provocadas pelo seu crescimento.

BNCC**5****Geografia****EF05GE04**

Reconhecer as características da cidade e analisar as interações entre a cidade e o campo e entre cidades na rede urbana.

BNCC**6****Língua Portuguesa****EF35LP26**

Ler e compreender, com certa autonomia, narrativas ficcionais que apresentem cenários e personagens, observando os elementos da estrutura narrativa: enredo, tempo, espaço, personagens, narrador e a construção do discurso indireto e discurso direto.

Tema A vida na vila da *Viagem ao reino encantando do cordel*.

Conteúdo Análise da passagem do poema na qual o narrador descrever a vila de Miguel, Kahlil e Maria.

Objetivo Identificar características espaciais, históricas e geográficas do espaço no qual decorre da história. Perceber as semelhanças e diferenças entre a vila descrita no poema e as cidades nas quais vivem os alunos.



Justificativa O espaço é uma das características fundamentais a serem percebidas em uma narrativa para uma boa compreensão da história, assim como o tempo e as personagens. No poema em questão, o espaço de uma vila rural nordestina é um dos elementos marcantes da história, fundamentando a construção narrativa. Além de ser descrita no poema, são apresentadas xilogravuras que representam a vila, aumentando a percepção do estudante sobre o espaço narrativo. Ao propor uma análise e observação de um dos elementos da estrutura narrativa, abre-se igualmente a oportunidade de o professor explorar em sala características históricas e geográficas dessa narrativa: as características espaciais da vila, a relação das personagens com a cidade, as diferenças da vida no campo e na cidade urbana, relacionando-as às experiências e observações concretas dos estudantes com seu bairro e sua cidade.

Metodologia Nos primeiros versos do poema, é apresentada uma cena típica de uma vila de interior, com descrições de suas lojas e da interação entre as pessoas ali: um armazém de secos e molhados que “tinha três portas na frente / E uma porta lateral”, com toda a sua variedade de produtos; a mercearia com o “baleiro giratório”, a balança, as “apragata” de couro, pirulitos; o negócio com outros comerciantes da região, que vinham em “burros carregados / De toda quinquilharia, / Serrotos, pregos, machados... / Panelas, botijas, malas, / Tudo em novos ou usados”.

Nas páginas seguintes, são apresentadas duas xilogravuras, em especial, que enfocam o espaço da narrativa: há uma panorâmica, mostrando as casas à beira de uma rua ocupada por um caminhante e uma charrete; e uma visão do alto, quando os personagens alcançam voo no pavão misterioso, que mostra a região central da vila: o pavimento assentando em pedra, a igreja central, alguns automóveis e uma maior concentração de casas.

Após a leitura dos versos iniciais do cordel, assim como da apresentação das xilogravuras, converse com os estudantes, primeiramente, sobre as características observadas:

- Os aspectos que lhes chamam a atenção;
- A identificação das descrições do poema com as xilogravuras;
- As semelhanças e diferenças com as cidades nas quais vivem;
- Como deve ser o modo de vida de seus habitantes, em comparação com o modo de vida dos estudantes;



- Elementos da composição que poderiam caracterizar a vila como pertencente à zona rural.

A partir das observações e opiniões levantadas pelos estudantes, pode-se explorar as diferenças entre a vida no campo e na cidade; falar sobre o êxodo rural e a migração, concomitante à urbanização, das famílias para os centros urbanos; do aumento populacional das cidades em detrimento da diminuição das vilas camponesas; as implicações sociais, econômicas e ambientais decorrentes do crescimento das cidades etc.

A partir da delinear a vida no campo, a partir das características observadas no cordel, o professor pode abordar em mais profundidade a vida nas cidades: analisar suas características particulares, como os estudantes percebem essa forma de vida, a relação específica que estabelecem, nos centros urbanizados, com os meios de transporte, com os alimentos, com os equipamentos de saúde e educação, com a forma de organização habitacional, a disponibilidade de entretenimentos.

Ao colocar as duas perspectivas em análise, não precisa se fazer uma exposição dicotômica, como se o campo e a cidade fossem espaços independentes e sem relação. Ao contrário, explore a interdependência entre essas esferas sociais: como há troca de mercadorias entre o campo e a cidade, como um depende do outro para o crescimento e circulação econômicos (como os produtos que vêm do campo para a cidade ou as melhorias levadas ao campo pelo aperfeiçoamento de centros técnicos), e, principalmente, como há uma intensa troca de informações e de populações: não só com os fluxos migratórios, mas com a cultura, a arte, os conhecimentos que se transladam entre diferentes espaços e populações.

O cordel *Viagem ao reino encantado do cordel* é um ótimo exemplo e ponto de partida para essas trocas. Como explorado na atividade de pré-leitura, ele é composto a partir de diferentes histórias e tradições narrativas. Advindas de diversas regiões do nordeste, tais padrões narrativos foram, por sua vez, transportados ao Brasil com a colonização, tendo sua raiz na tradição do trovadorismo ibérico.

+ A vida no campo e a vida na cidade: o retrato feito da vila na página 8. Como é esse modo de vida? É muito diferente do seu modo de vida? Geografia, Empatia com o outro, Artes.

Reconhecer especificidades e analisar a interdependência do campo e da cidade, considerando fluxos econômicos, de informações, de ideias e de pessoas.



Tempo estimado Duas aulas de 50 minutos.

5.2.2 Atividade 2

Tema

Conteúdo

Objetivo

Justificativa

Metodologia

Tempo estimado Duas aulas de 50 minutos.

5.3 Pós-leitura

Tema

Conteúdo

Objetivo

Justificativa

Metodologia

Tempo estimado Duas aulas de 50 minutos.

6 Sugestões de referências complementares

- DIEGUES JÚNIOR, Daniel. *Literatura popular em verso*. Estudos. Belo Horizonte: Itatiaia, 1986.
- MARCO, Haurélio. *Breve história da literatura de cordel*. São Paulo: Claridade, 2010.
- TAVARES, Braulio. *Contando histórias em versos. Poesia e romanceiro popular no Brasil*. São Paulo: 34, 2005.
- TAVARES, Braulio. *Os martelos de trupizupe*. Natal: Edições Engenho de Arte, 2004.



7 Bibliografia comentada

7.1 Livros

- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

Consultar a BNCC é essencial para criar atividades para a turma. Além de especificar quais habilidades precisam ser desenvolvidas em cada ano, é fonte de informações sobre o processo de aprendizagem infantil.

- VAN DER LINDEN, Sophie. Para ler o livro ilustrado. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

Livro sobre as particularidades do livro ilustrado, que apresenta as diferenças entre o livro ilustrado e o livro com ilustração.